



## **O MITO DO AMOR ROMÂNTICO E AS RELAÇÕES ABUSIVAS: POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO A PARTIR DO CAMPO EDUCACIONAL**

Débora dos R. S. Backes<sup>1</sup>  
Adriana Santos Souza<sup>2</sup>  
Juliana Farias Santos<sup>3</sup>

### **GT 6 – Educação, Inclusão, Gênero e Diversidade**

#### **RESUMO**

Esse artigo propõe-se a compreender e discutir as possibilidades que o campo da Educação comporta no sentido de fraturar essa composição baseada nos papéis de gênero e reforçada por ideais ancorados no mito do amor romântico que alimentam as relações abusivas, violentas e aprisionadas. A partir de nossas experiências diante das escutas, partilhas e acompanhamentos desenvolvidos no Coletivo de Mulheres Flores de Maria Bonita, gestado e concebido entre as alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, nos foi possibilitado repensar o ser feminino em todas as suas dimensões. Aproximando-nos das temáticas relacionadas a violência contra mulher, nos foi despertado o interesse em conhecer e contextualizar historicamente a questão do mito do amor romântico, relacionando-o com a constituição dos papéis de gênero e observando o quanto essa relação afeta a vida das mulheres, principalmente compreendendo a influência de tal relação com as relações abusivas as quais muitas mulheres são vítimas.

**Palavras-chave:** Amor romântico. Gênero. Relações abusivas.

#### **ABSTRACT**

This article aims to understand and discuss the possibilities that the field of Education holds in terms of fracturing this composition based on gender roles and reinforced by ideals anchored in the myth of romantic love that feed abusive, violent and imprisoned relationships. Based on our experiences of listening, sharing and monitoring developed at the Flores de Maria Bonita Women's Collective, conceived and conceived among the students of the Pedagogy course at the Federal University of Sergipe, it was possible for us to rethink the female being in all its dimensions. Approaching issues related to violence against women, we were interested in knowing and historically contextualizing the issue of the myth of romantic love, relating it to the constitution of gender roles and observing how this relationship affects women's lives, mainly understanding the influence of such a relationship with the abusive relationships which many women are victims of.

**Keywords:** Romantic love. Genre. Abusive relationships

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – PPGED/UFS. Especializanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades – GPECS/UFS e do Núcleo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva – NÚPITA/UFS. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4466-2658>. E-mail: [debsilvabac@gmail.com](mailto:debsilvabac@gmail.com).

<sup>2</sup> Técnica em Segurança do Trabalho pelo Instituto Federal de Sergipe. Pedagoga pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa Relações de Saberes e Subjetividade: Alfabetização, Linguagens e Trabalho-RESSALT/UFS. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1824-8779> E-mail: [adrianasntsouza@hotmail.com](mailto:adrianasntsouza@hotmail.com).

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Especializanda em Gestão Escolar. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS/UFS) e do Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva (NUPITA/UFS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3880-0586?lang=pt>. E-mail: [juliana22fsantos1@gmail.com](mailto:juliana22fsantos1@gmail.com).



## INTRODUÇÃO

Na cultura da agressão onde a violência psicológica é uma forma de relação, torna-se tão difícil para a mulher sair da condição de vítima como para o homem deixar o seu lugar de culpa. Ambos se encontram enredados pelos dispositivos da violência, pelo poder do mito amoroso como solução mágica para a felicidade humana. Torna-se tão penoso para a mulher se despir da beleza da sensualidade e do amor romântico, quanto para o homem desconstruir sua virilidade e seu machismo. Reconhecer a realidade não implica perpetuá-la, pior seria a sua negação. Entendemos que a saída para essas mulheres é reconhecer o lugar que ocupam nas tramas do sofrimento amoroso (GNOATO, 2021, p.19).

Os sentidos sobre a felicidade humana encontram-se diluídos no imaginário social representados por ideais construídos através do tempo, que se pautam em conceitos paradigmáticos propositalmente reproduzidos como “naturais” e reproduzidos pela cultura patriarcal hegemônica.

Encontramos no ideal do amor romântico uma armadilha de controle de corpos e vidas, principalmente, como ferramenta que aprisiona mulheres no lugar de subalternidade e vulnerabilidade, e homens no lugar de dominador, disciplinador, viril e agressor. A cultura machista que se perpetua socialmente guarda esse paradigma de que o homem é superior à mulher e essa lhe deve obediência, cuidado e servidão, já que dessa forma, o ser feminino é compreendido como “naturalmente” subalterno, físico, biológico e mentalmente, cabendo ao feminino o lugar de sujeição e obrigação de ser o centro dos cuidados com os outros, com os filhos e com a família, no ambiente doméstico blindado, território esse que se torna um invólucro sagrado no qual ninguém deve interferir.

Ocorre que esse território ancora um ciclo de violência que se torna permitida e justificada, já que dominador e dominada são representados pelos papéis de gênero instaurados socialmente. Torna-se urgente compreender como se forma esse ciclo de violências que aprisiona mulheres em relacionamentos abusivos e homens no lugar de agressores, produzindo subjetividades, no sentido de desvelar conceitos distorcidos que baseiam os sentidos das relações tanto no ambiente público quanto privado, entendendo e desconstruindo as malhas que tanto alimentam violências quanto se constituem como mantenedoras de hierarquias que controlam corpos.



Aproximar-se das formas como a Educação pode se constituir em ferramenta de enfrentamento a situações de violência contra mulher é um caminho possível e importante na constituição de uma desconstrução necessária relacionada a violência de gênero. Crianças vêm recebendo uma educação que permeia seus currículos com padrões machistas, misóginos e heteronormativos, os quais reproduzem discursos e epistemologias excludentes, baseadas no sexo biológico das crianças, reforçando feminilidades e masculinidades.

Partindo de tais considerações, o presente artigo propõe-se a compreender e discutir as possibilidades que o campo da Educação comporta no sentido de fraturar essa composição baseada nos papéis de gênero e reforçada por ideais ancorados no mito do amor romântico que alimentam as relações abusivas, violentas e aprisionastes.

O procedimento metodológico adotado se baseia na pesquisa bibliográfica, com o objetivo de reunir conteúdos que servirão de base para a construção da investigação proposta, sendo que, para isso, realizamos buscas em livros, teses, dissertações e artigos, além de conteúdo trabalhado nas redes sociais disponíveis. Nossa proposta ancora-se em relacionar os fatores envolvidos na constituição dos papéis de gênero e na contextualização histórica sobre o mito do amor romântico, buscando aproximação com o campo educacional, nas possibilidades sobre pensar, construir e elaborar meios de combater a continuidade desse ciclo de violências que permeiam as relações e estabelecem modos de dominação, despotencializando existências e afetando a dignidade humana.

## **A CONSTITUIÇÃO DOS PAPEIS SOCIAIS DE GÊNERO**

A partir do momento em que uma gestação é anunciada, inicia-se o planejamento de preparação para a chegada do novo ser humano. Almeja-se, em poucos meses, saber qual o sexo biológico da criança que está sendo gestada, desejo possibilitado através de exames ultrassonográficos, para em seguida, ter início os preparativos de escolha das cores das roupinhas, do tema e dos objetos de decoração que farão parte do quarto do bebê.

Aprendemos desde muito cedo a perceber que existem perspectivas e aspirações em relação ao que é ser menina ou ser menino. A criança nasce e já veste uma roupa com a cor “adequada” ao seu sexo biológico, em linhas gerais, “menino veste azul e menina veste rosa”, este comentário afirma e naturaliza a ideia do que é que cabe a determinado sexo. Costumamos comprar brinquedos para as crianças com base mais em referência ao seu sexo



do que com referência ao próprio brinquedo. Na entrada para a vida escolar, é comum vermos bolsas, cadernos, lápis, apontadores, estojos, agendas, todos esses objetos com temas específicos, geralmente para meninas temas referentes à fragilidade e à docilidade, com base em imagens de princesas ou fadas, já aos meninos, temas que remetem força e poder, no caso super-heróis ou reis e carros velozes.

Quando falamos em educação, não estamos aqui nos referindo apenas a educação escolar, mas a uma construção social de uma educação sexista, aprendemos diariamente que existem modos e formas de se comportar e de realizar determinadas tarefas, com relação à educação feminina, a autora Simone de Beauvoir (2019) afirma que

Insuflam-se tesouros de sabedoria feminina, propõem-lhe virtudes femininas, ensinam-lhe a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa”, enquanto aos meninos é ensinado a movimentar-se e a explorar o mundo, impondo sua virilidade, segundo à autora o destino da menina e do menino “é imposto por seus educadores e pela sociedade” (BEAUVOIR, 2019, p. 24).

Tratar de assuntos como papéis de gênero pode parecer clichê, mas ao adentrar na questão, percebemos o quanto ainda permanece potente as atitudes relativas a este. De acordo com Nogueira (2011) trazer à tona as consequências da educação sexista contribui para descobrir as diferentes formas de socialização de homens e mulheres, como estes vivenciam este tipo de educação e como esta reflete ao longo do seu desenvolvimento.

De tão naturalizados e por vezes universalizados, os comportamentos atribuídos a mulheres e homens dificultam o processo de percepção da educação sexista, afinal fomos educados dentro e fora do lar, fomos educados por nossos parentes, amigos, professores, líderes religiosos, a exercer determinados comportamentos relacionados ao nosso sexo biológico, reafirmando a ideia da divisão entre os seres humanos.

A família é a primeira instância de socialização do indivíduo. Este será educado conforme os costumes e os comportamentos da família que ele faz parte. No seio familiar aprendemos não apenas quando dizem o que devemos fazer, aprendemos também ao observar determinados comportamentos que homens e mulheres exercem no ambiente.

A escola, enquanto instituição normativa, reforça e reproduz os processos de ensino e de aprendizagem do que é ser menino e do que é ser menina, produzindo conhecimentos acerca de como esses seres humanos devem se comportar, pensar, decidir e agir na sociedade, com base em seu sexo biológico.



Características como passividade, fragilidade, sensibilidade, meiguice, vulnerabilidade e disponibilidade foram sempre ligadas ao ser feminino, mas essas características foram também construídas historicamente e socialmente. Neste sentido, Beauvoir (2019) nos afirma que, desde o início da sua vida, a mulher aprende que deve ser um “ser-outro”, viver para agradar, para fazer-se objeto, renunciando sua autonomia. Já os meninos aprendem a demonstrar sua virilidade, a não expressar o que sentem em palavras e ações, gerando para si um conflito interno de raiva e rancor. Nesta direção, Beauvoir (2019) nos mostra que em relação a educação do menino:

Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com os colegas enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo como um meio de dominar a natureza um instrumento de luta; orgulha-se de seus músculos como de seu sexo(...) aprende a receber pancada, a desdenhar a dor, a recusar as lágrimas da primeira infância. (BEAUVOIR, 2019, p. 24).

Enquanto o corpo do menino é percebido como instrumento de luta, de resistência, de força, de capacidades, o corpo da menina é percebido como objeto, algo para dar prazer, algo para servir, algo para ser moldado e modelado com base em padrões estéticos de beleza e de saúde.

Ao longo do processo de socialização dos indivíduos, as construções sociais sobre o que são papéis de gênero contribuem para o fortalecimento da crença que homens e mulheres são diferentes um do outro de forma natural. Fizemos nesse breve percurso colocações sobre os papéis sociais de gênero, apontando o que foi construído historicamente e socialmente sobre o que cabe a cada sexo, em seu caráter biológico. São papéis enraizados, fincados em nossa educação, na educação de crianças que crescem acreditando que podem ou não podem, devem e não devem, é e não é permitido, com base unicamente em seu sexo biológico.

## **PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL SOBRE O AMOR – O SURGIMENTO DO AMOR ROMÂNTICO**

O amor constitui-se em tema que atravessa séculos e carrega variados significados e sentidos, construídos a partir dos contextos históricos que se desenharam ao



longo do tempo, imprimindo sua relevância para a organização das várias culturas e sociedades porque, segundo Carvalho (2003), são concepções que, implicitamente, definem o que é apropriado e desejável nas relações entre os indivíduos.

Idealizado e moldado em estruturas mitificadas, o amor foi colocado como sentimento ou valor superior, divino, elemento fundante e estruturante das relações humanas em prol do bem viver e conviver coletivo. Desenhado, louvado, proseado, versado e cantado aos ventos universais de ideal da felicidade, foi introduzido e reproduzido como conceito que permeia (e deve atravessar obrigatoriamente) todas as situações relacionais, sendo imposto como meio e/ou ferramenta de superação dos conflitos, entretanto, pautando-se em preceitos morais advindos de concepções binárias universalistas e homogêneas, tais como, bem/mal, masculino/feminino, razão/emoção e outros.

De acordo com Del Priori (2006) o século XIX introduziu a ideia do amor romântico, época marcada por romances protagonizados por heróis e heroínas que buscam um casamento por amor e um final feliz para suas histórias. Isso acontecia ao mesmo tempo em que, nas elites, o casamento arranjado com parentes ou amigos era uma constante. Passava-se então, segundo a autora, de um período em que o amor representava um sentimento ideal e inatingível (Idade Média) para outro onde se tentava associar espírito e matéria (Renascimento), para em seguida alcançar ainda outro período, no qual era percebida a interferência da Igreja e a Medicina no intuito de separar paixão e amizade, determinando o lugar de cada um, fora e dentro do casamento (a Idade Moderna), passando então para o Romantismo do século XIX que associa amor e morte, chegando às revoluções contemporâneas, momento no qual o amor parece ter voltado à condição de ideal nunca encontrado.

Em sua pesquisa, Souza (2007) ressalta que foi no mundo ocidental, mais precisamente no século XIX, que a ideia do amor romântico surgiu como um valor cultural, segundo a autora, graças a cultura individualista nascida no capitalismo e Revolução Industrial, que valorizava a felicidade individual.

Ribeiro (2010) através de seus estudos ressalta a cultura ocidental como aquela que nos apresenta a promessa de que a integração ao ser amado é possível e que o amor é o método para alcançar tal promessa. Para a autora, o amor ocupa lugar fundamental dentro do ideal moderno de felicidade, sendo a sua presença obrigatória dentro das produções da indústria cultural, produzindo imagens de um amor romântico com as quais o público



se identifica, contribuindo, dessa forma, para que tal imagem de amor atue rompendo os limites da separação e do isolamento através do encontro de duas almas.

Nas considerações de Campagnaro (2019) o amor romântico, como sentimento especial pautado em um entendimento mágico, a-histórico e com o ideal de “achar a tampa da panela”, constitui-se na mistura que proporciona às mulheres um movimento de dedicação à vivência do amor, assim servindo voluntariamente às pessoas que ama, por meio de ideais românticos/romantizados.

Para Giddens (1993), o surgimento do amor romântico deve ser compreendido pela ação de vários fatores que influenciaram as mulheres do século XVIII, como, a criação do lar, a relação entre pais e filhos e o que foi chamado de a invenção da maternidade, que “amenizou a força do poder patriarcal a favor do amor maternal, revelando-se assim, portanto, que todos os fatores listados pelo autor referem-se às formas de organização familiar” (SANTOS, 2014, p.27).

O amor romântico era essencialmente um amor feminilizado (GIDDENS, 1993; DE ARAÚJO, 2017), aparecendo, não raras vezes, referenciado como sendo um sentimento das mulheres (FRASER, 2002). As ideias sobre o amor romântico estavam claramente associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior (GIDDENS, 1993).

Nesse sentido, Campagnaro (2019), ressalta que o amor romântico passa a ter como protagonista as mulheres, em virtude das mudanças sociais do trabalho as quais acabaram resultando na divisão entre o espaço público e o privado.

Com isso, a mulher passa a se fixar no espaço doméstico como a cuidadora e protetora familiar, enquanto os homens, em grande parte, passam a trabalhar nas indústrias, ou seja, no espaço público. Com as mudanças nos espaços de trabalho, os papéis de gênero vivenciam transformações, assim como as relações amorosas e o sentido do cuidado e do amor romântico, que foram vinculados às mulheres (CAMPAGNARO, 2019, p.73).

A lógica que movimenta os comportamentos nas sociedades ocidentais pauta-se no modelo de amor que predomina nas relações entre homens e mulheres que é do amor romântico, especificamente dentro dos padrões exigidos pelos papéis de gênero impostos ao ser feminino, determinando a obrigação de cuidar do relacionamento de forma a mantê-lo e garantir sua permanência com dedicação, amorosidade, submissão e sacrifício.



Na expectativa dessas demandas sociais, a instituição escolar desponta como um território onde também as concepções pautadas no amor romântico permeiam os discursos, práticas e posturas diante de situações cotidianas e processos de aprendizagem. Na esteira de uma educação ancorada na normatividade binária, onde papéis de gênero ditam os comportamentos esperados de meninos e meninas, há que se destacar uma importante necessidade em estender o olhar ao que é ensinado às crianças e jovens.

Dessa forma, Campagnaro (2019) destaca que, ensinando-se “modos de ser homem” e “modos de ser mulher” na escola, educa-se também para o amor romântico, com todos os significados que esse carrega histórico-socialmente, partindo-se da premissa de que homens e mulheres seriam “naturalmente” diferentes. Assim, vivências escolares e currículos ainda estão vinculados à lógica familiar e cultural, ensinando pessoas de maneiras distintas (coisa de homem e coisa de mulher) o que alimenta ideias essencialistas e alimenta problemáticas pautadas na exclusão.

Subverter essa ordem que vem se mantendo pouco flexível tem sido meta para profissionais comprometidos em promover, junto aos alunos, processos de aprendizagem interessantes e significativos, promovendo a desconstrução de preconceitos e crenças que alimentam e reproduzem o sistema hegemônico, aprisionando principalmente mulheres, que muitas vezes nem sequer percebem a violência sofrida, ou quando percebidas, compreendem-se responsáveis por seu sofrimento e merecedoras desses, sujeitando-se às lógicas patriarcais dominantes opressoras.

## **ALINHAVANDO O RELACIONAMENTO AFETIVO-SEXUAL ABUSIVO**

A etimologia da palavra “relacionamento” provém da raiz “relação”, que origina do latim *relatio*. *Relatio* quer dizer ato de relatar ou contar algum acontecimento. Sendo que pode também, ter o significado de responder um acusamento ou a conexão com algo. No decorrer do tempo, a palavra “relação” passou a significar elo entre duas pessoas ou objetos. Assim, a palavra relacionamento retrata a prática de se conectar com outro indivíduo.

Já a palavra “abusivo” deriva da expressão “abuso”, que tem origem no termo latino *abusu*. *Abusu* revela uma conduta inconveniente, desagradável, avessa aos hábitos e acordos sociais. O abuso, no entanto, pode ser originado no pensamento de domínio do abusador sobre o sujeito abusado, que não consegue, por razões ameaçadoras concretas ou





não, defrontar ou se defender do abuso sofrido.

O relacionamento afetivo-sexual abusivo é a relação de casal que apresenta atitudes de desequilíbrio de poder, onde um dos envolvidos compreende o controle como uma oportunidade de assumir um comportamento arbitrário, conscientemente ou não, e o outro situa-se apoucado.

É uma relação que, notoriamente, exorbita e apodera-se do outro psicologicamente, sendo capaz de distender para o corpóreo e o sexual. Tal conduta pode se constituir em uma perturbação que o indivíduo traz no seu íntimo que termina achando o relacionamento como uma maneira de evadir; o modo que o sujeito foi formado, os princípios que carrega, a instrução que recebeu, os hábitos que cultiva e a cultura do machismo tão impregnada na sociedade brasileira. (COSTA apud FALCHETTO e BROETTO, 2017).

A violência contra a mulher é caracterizada por qualquer comportamento que ocasione humilhação, tormento psicológico, físico e sexual ou a morte da mulher, seja no espaço público ou privado, a hostilidade praticada por homem em relação íntima é conhecida como violência conjugal. Os abusos cometidos nos relacionamentos afetivos-sexuais são qualificados, como: violência física, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial, violência moral, (OSTERNE apud MOREIRA, BORIS, & VENÂNCIO, 2011).

A fase da violência no relacionamento afetivo-sexual, se manifesta em três estágios, a saber: tensão, que são momentos de fúria, desacato e intimidação por parte do abusador, o que ocasiona intranquilidade na vítima; crise, quando o violentador se enfurece e age violentamente; lua de mel, momento que o agressor se desculpa, aparenta está contrito e compromete-se a modificar seu comportamento. Esse ciclo segue se repetindo, reduzindo o intervalo entre as agressões e torna-se cada vez mais violento. Logo, a vítima necessita de assistência. Porém, não é fácil finalizar uma relação com alguém que se tem um elo afetivo intenso.

Os motivos que impossibilitam a mulher dissolver o relacionamento afetivo-sexual abusivo são: amor, dependência financeira, medo, crença religiosa, esperança de mudança.

As mulheres em situação de violência doméstica não sofrem agressões de forma incessante, as relações ficam oscilando entre o amor e a dor como uma maratona que não para de se repetir, tornando-se um ciclo vicioso com fases de ciúmes, agressões e reconciliação onde a relação abusiva é mascarada por



um falso cuidado e amor, ou seja, os episódios de violência são cíclicos (SANTOS et al, 2020, p. 283).

Muitas mulheres vítimas de violência conjugal optam por dialogar com seus companheiros violentos para tentar interromper as agressões cometidas por ele ao invés de buscar auxílio fora da relação doentia, porque realmente acreditam que os seus agressores podem modificar suas condutas. Em síntese, nenhuma mulher mantém-se em uma relação íntima abusiva porque aprecia o sofrimento e sim, porque há diversos fatores que a detém de tomar a melhor decisão para si.

Sendo assim, é percebida a dificuldade de retirar-se de um relacionamento afetivo-sexual abusivo sem uma intervenção social (família, amigas/os ou ajuda profissional) pois a sociedade que sustenta o discurso de “é agressivo com você porque na verdade te ama”, é a mesma que afirma à mulher que ela vivencia essa relação porque gosta ou “ele faz isso com você por culpa sua”.

## **A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENFRENTAMENTO: POR ONDE E COMO CAMINHAR NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIA DE GÊNERO?**

Buscar compreender a educação desde a infância pautada no conceito da igualdade de gênero, conversar com as crianças sobre o fato de que ninguém tem o direito de impossibilitá-las de realizarem os seus desejos por conta do “amor”; ensinar que violência não é sinônimo de gostar, constituem-se formas de combater a cultura do machismo, contribuindo para a diminuição das ocorrências de futuros relacionamentos afetivos-sexuais abusivos.

Com base na cultura e nas formas de ser e se desenvolver de determinada cultura, é que os ensinamentos são transmitidos, por exemplo, por meio da linguagem ou escrita dessa cultura. É função da cultura, por meio do método pedagógico, por exemplo, ensinar e direcionar meninas e meninos a se comportarem segundo seu gênero e padrões de feminilidade ou masculinidade; com isso, também, educar mulheres e homens para o amor romântico. Por último, a educação como um fato existencial significa dizer que os seres humanos se fazem humanos pela educação. A educação tem o papel de configurar homens e mulheres em toda sua realidade, ou seja, para que sejamos humanos, necessariamente, precisamos passar pelos processos educativos (CAMPAGNARO, 2019, p.103 e 104).

Para Silva (2017) a Educação não pode eximir-se do debate sobre a violência



contra a mulher, tratado pela autora como fenômeno perverso que, enraizado historicamente, vem sendo naturalizado cotidianamente pela cultura do patriarcado. Ainda segundo a autora, fomentar o debate sobre o papel da educação diante da questão da violência contra a mulher constitui-se em um movimento urgente, considerando a complexidade da situação exposta nas estatísticas nacionais e municipais que desvelam esse grave fenômeno que precisa ser desconstruído. Assim como Silva (2017), também Santos (2021) destacam em suas pesquisas que a educação possui papel fundamental na discussão, enfrentamento, conscientização e prevenção à violência contra a mulher.

Aproximarmos de caminhos que apontem para pensares e fazeres outros é possível através da desconstrução e subversão de modos de pensar rígidos e compreendidos como homogêneos e universais. É também necessário repensar e elaborar novas epistemologias a partir da escuta, análise, reconfigurações e divulgação de experiências sentidas e vividas nos mais variados contextos relacionais. Expor falhas e abismos sobre temas que não são geralmente falados e promover debates junto à sociedade se revela como possibilidade de reencontro com o mais básico dos direitos, que se ancora na dignidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos aqui compreender sobre os atravessamentos que compõem as relações entre o mito do amor romântico, a instituição histórica e social dos papéis de gênero e a influência dessa trama sobre relacionamentos abusivos, problemática que afeta a vida de muitas mulheres, constituindo-se em obstáculo ao delineamento de suas configurações relacionais.

A partir da contextualização histórica sobre papéis de gênero e da construção sobre a ideia de amor romântico foi possível percebermos o quanto as mulheres vêm sendo influenciadas por paradigmas que permeiam o ser feminino, que foi delineado como modelo universal e homogêneo dentro de conceitos pautados na sociedade patriarcal, limitando mulheres e colocando-as em lugares de sujeição.

Tratar sobre aspectos relacionados à violência sofrida por mulheres, a partir da delimitação do tema relações abusivas, representa um caminho para fraturar conceitos universais que afastam mulheres de suas possibilidades, de seus objetivos e de seus sonhos.



Conceitos distorcidos sobre a necessidade de ser feliz somente a partir de uma vida dependente do “amor” de outra pessoa limita essas mulheres de perceberem suas próprias capacidades, destroem sua autoestima, ausenta-lhes de seu autoconhecimento.

Emergir essas discussões em todos os ambientes, principalmente na universidade, pode representar uma forma de reverter situações de abuso moral e psicológico, situações de fomento a dominação e sujeição, posto que essa constitui-se em luta diária para quem sempre teve que lidar com crenças que ofereciam à sua vida um lugar de subalternidade. O campo da Educação apresenta possibilidades de reversão dessa situação, resistência e possibilidade de abraçar outras formas de ensinar, aprender, construir, se relacionar e viver.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Iara Maria de. **O amor e a violência nas relações íntimas: os significados construídos em torno do gênero.**

BAWIN-LEGROS, Bernadette. Intimacy and the new sentimental order. **Current Sociology**, v. 52, n. 2, p. 241-250, 2004.

BEAUVOIR, Simone de, 1908-1986. **O segundo sexo: a experiência vivida.** 5ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

\_\_\_\_\_, Simone de. **O segundo sexo.** Nova Fronteira, 2014.

BROETTO, T. O. M. e FALCHETTO, G. N. **Amores abusivos: sob o olhar delas.** Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucilene Gonzáles. 2017. 144 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Curso de Jornalismo, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2017. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/156570/000899691\\_livro.pdf?seq](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/156570/000899691_livro.pdf?seq). Acesso em: 14 de jul. de 2021.

CAMPAGNARO, Sara et al. **Mulheres e a madrepresa que há em nós: a educação para o amor romântico.** 2019.

CARVALHO, José. “O amor no raciovitalismo de Ortega y Gasset”. **Anuário de Filosofia São João Del Rei**, n. 10, p. 255-286, 2003.

CISNE, Mirla. Direitos humanos e violência contra as mulheres: uma luta contra a sociedade patriarcal-racista-capitalista. **Serviço Social em Revista**, v. 18, n. 1, p. 138-154, 2015.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil.** Editora Contexto, 2009.



DOCKHORN, V. Qual é a visão da psicologia sobre os tipos de relacionamento? **Blog Dockhorn**, São Paulo, 07 out. 2019. Disponível em: <https://psicologiadockhorn.com/blog/qual-e-a-visao-da-psicologia-sobre-os-tipos-de-relacionamento/>. Acesso em: 15 de jul. de 2021.

FRASER, Heather. "Narrating Love and Abuse in Intimate Relationships." **British Journal of Social Work**, n. 33, p. 273-290, 2002.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Unesp, 1993.

GOMES, I. R. R. e FERNANDES, S. C. S. A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da Ação planejada. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 38, nº94. p. 55- 94. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v38n94/v38n94a06.pdf>. Acesso em: 15 de jul. de 2021.

GNOATO, Gilberto. O AMOR ROMÂNTICO NO EPICENTRO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER NO CONTEXTO DA CULTURA DA AGRESSÃO. **Contradição-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais**, v. 2, n. 1, 2021.

MENEZES, Maria Célia de. O Mito do Amor Romântico. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 17, n. 3, p. 559-572, 2007.

MOREIRA, V., BORIS, G. D. J., & VENÂNCIO, N. O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. **Psicologia & Sociedade**. Minas Gerais, v. 23, n. 2, p. 398- 406. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/adria/OneDrive/Documentos/RELA%20C3%87%20C3%95ES%20ABUSIVAS/O%20estigma%20da%20viol%C3%Aancia%20sofrida%20por%20mulheres.pdf>. Acesso em: 13 de jul. de 2021.

MOYA, I. Machismo: você entende mesmo o que significa? **Politize**, 08 de jul. de 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/>. Acesso em: 20 de jul. de 2021.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"?. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 609-627, 2007.

NOGUEIRA, C. Questões de gênero na orientação vocacional – (re) construir novos discursos na prática. In: **SEMINÁRIO "ORIENTAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL NA PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE OPORTUNIDADES**. 2001. Reconstruir os nossos olhares: o papel da orientação escolar e profissional na promoção da igualdade de oportunidades. Coimbra: ME- DREC, 2001. p.19-36. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4128/1/capitulo%20quest%C3%B5es%20de%20g%C3%A9nero%20na%20orienta%C3%A7%C3%A3o%20vocacional.pdf>>. Acesso em: 07de jul. 2021.



RIBEIRO, Camila Morais. Dos amores possíveis aos amores visíveis: a utopia do amor romântico. **POLÊM!CA**, v. 9, n. 4, p. 122-129, 2010.

ROSA, A. F., BASSAN, G. N. e PITANGA, A. V. P. **Relacionamentos Abusivos**: na perspectiva da análise do comportamento. Orientador: Dr. Artur Vandrê Pitanga. 2019. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Curso de Psicologia, Centro Universitário UniEvangélica, UniEVANGÉLICA, Anápolis, 2019. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/11411/1/RELACIONAMENTOS%20ABUSIVOS%20NA%20PERSPECTIVA%20DA%20AN%C3%81LISE%20DO%20COMPORTAMENTO.pdf>. Acesso em: 15 de jul. 2021.

SANTOS, Reginaldo Antonio Marques dos. **O Papel da educação na prevenção da violência contra a mulher no município de Canoinhas-SC**. 2021.

SANTOS, L. K. R. **Relacionamentos abusivos na perspectiva masculina**. Orientador(a): Profª. Dra. Sara Guerra Carvalho de Almeida. 2020. 34 f. Monografia (Graduação)- Curso de Psicologia, Centro Universitário UNIFAMETRO, UNIFAMETRO, Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unifametro.edu.br/bitstream/123456789/444/1/LUANA%20KARULINE%20RODRIGUES%20DOS%20SANTOS%20TCC.pdf>. Acesso em: 14 de jul. de 2021.

7GRAUS. **Dicionário Etimológico**. Página R. Disponível em: <https://www.Dicionarioetimologico.com.br/relacionamento/>. Acesso em: 15 de jul. de 2021.

SILVA, Lana Claudia Macedo da. **Violência Contra a Mulher e Educação**: desafios e perspectivas da DEAM/Belém, Pará, Brasil. 2017.

SOUZA, Thuany Barbosa. **Amor romântico**. 2007.

TOSTA, A. S. **Entendendo os relacionamentos íntimos com comportamento abusivo por meio da Teoria do Apego**. Orientador: Prof. Dr. Vicente Cassepp- Borges. 2017. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Curso de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/6779/1/TCC%20E%20ATA%20Amanda%20de%20Souza%20Tosta.pdf>. Acesso em: 14 de jul. de 2021.